

# PLATÃO

---

COORDENAÇÃO DE  
GABRIELE CORNELLI E RODOLFO LOPES

---

*CoimbraCompanions*

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

# I

---

VIDA

Maria do Céu Fialho e Katsuzo Koike

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Poucas são as referências do próprio Platão sobre si mesmo, no contexto da sua obra; poucos são os testemunhos que até nós chegaram de discípulos directos de Platão, sobre a sua biografia e actividade. Em contrapartida, os testemunhos e *Vitae* multiplicam-se, após a sua morte, a maior parte deles distanciados do seu objecto por séculos e marcados pela dupla tendência que a aura à volta do mestre e do discípulo foi criando: a do Sócrates δαιμόνιος e a da divinização de Platão.

De todos os testemunhos, serão os mais fiáveis (ainda que escassos) as referências internas da obra do próprio Platão, Aristóteles, em parte o *De Platone* do romano Apuleio e o Livro III de Diógenes Laércio. Este deverá ser sujeito ao cotejo crítico com outras fontes. Tanto Apuleio como Diógenes Laércio apoiaram-se, muito provavelmente, num *Encómio* escrito por Espeusipo, aquando da morte de seu tio e mestre, e de um possível *Encómio*, da autoria de Aristóteles, ambos perdidos. Quanto à *vexata quaestio* da autenticidade da *Carta VII*, de extrema importância pelos elementos informativos que contém, há que adoptar o lúcido pragmatismo de Lesky (1995, 539-540): para os fins em causa – apurar elementos biográficos de Platão – a discussão é prescindível, já que, ainda para quem ponha em dúvida a autenticidade total ou parcial da *Carta*, ela foi escrita pelo punho

de alguém tão próximo de Platão que as informações nela contidas são fidedignas<sup>1</sup>.

Diógenes Laércio dá-nos Platão como nascido em Egina, enquanto, refere o testemunho de Antileonte, que o dá como pertencente ao demo ateniense de Cólito: nascido em Atenas ou, ocasionalmente, nascido em alguma deslocação de seus pais a Egina, o fundador da Academia é cidadão de Atenas por nascimento e pertencente à velha casta da aristocracia da cidade.

Como data de nascimento, dá-nos Laércio o primeiro ano das 88as Olimpíadas, ou seja, 427 a. C., mais precisamente no 7º dia do mês do Targélion (22 de Maio): o mesmo dia em que Latona teria dado à luz Apolo<sup>2</sup>. Foi este um ano tormentoso na Guerra do Peloponeso: o da sublevação de Mitilene, da destruição de Plateias e da rebelião na Cócira<sup>3</sup>.

Sua mãe é mencionada na *Carta III*, mas só cerca de 500 anos mais tarde Apuleio a refere pelo nome: Perictíone. Mais tarde ainda, Diógenes Laércio (3.1) refere que seu pai, de nome Aríston, descendia de Codro e que a linhagem de sua mãe, por ser filha de Glauco, remontava a Drópides, irmão de Sólon:

Platão, o Ateniense, era filho de Aríston e de Perictíone (ou Potona), cuja estirpe remontava a Sólon. É que Sólon teve um irmão – Drópides – que foi pai de Crítias. Este, por sua vez, foi pai de Calescro que foi pai de Crítias, um dos Trinta. Bem como de Gláucon, progenitor de Cármides e de Perictíone. Então, Platão, filho de Perictíone e de Aríston, situava-se na sexta geração a partir de Sólon. Sólon, por sua vez, fazia remontar a sua ascendência a Neleu e Poseídon. Dizia-se que o pai de Platão, por seu turno, descendia

---

1 O mesmo argumento é utilizado por Nails (2006, 3). Irwin (2008, 64), em contrapartida, assume a posição contrária: sendo a carta espúria, não é fiável. Sobre esta posição pode dizer-se que, ainda que a premissa fosse verdadeira, a conclusão extraída não o é necessariamente.

2 Esta associação de Platão a Apolo assumirá, nas vidas póstumas de Platão, o carácter de sinal premonitório da sua proximidade ao deus e abrirá espaço para a ‘deificação’ de Platão, como filho de Perictíone e do próprio Apolo, tal como o viu Apuleio.

3 Incidentes lembrados por Calvo (1988, 650).

em linha directa de Codro, filho de Melanto, e, segundo Trasilo, Codro e Melanto também faziam remontar a sua origem a Poseídon.

Já, de resto, o próprio Platão, em *República* 368a, menciona um homem de nome Aríston, pai de dois filhos, Gláucon e Adimanto:

Não estava nada mal, ó filhos de um homem ilustre, o início daquela elegia que vos [Gláucon e Adimanto] dedicou o amante de Gláucon quando, no encómio ao vosso papel na batalha de Mégara, disse:

‘Filhos de Aríston, raça divina de um varão glorioso’

Em *Apologia* 34a1 o Sócrates platónico alude, entre os que lhe eram próximos, a Adimanto, filho de Aríston:

...cujo irmão, Platão, está aqui presente.

Platão devia ser o mais novo dos três irmãos. Contava ainda com uma irmã, Potona, que viria a ser mãe de Espeusipo, seu sucessor na Academia.

Aríston morreu muito próximo do ano da morte de Sócrates (399 a. C.), tendo deixado uma viúva ainda jovem, que seu tio materno, Pirilampes, tomou como esposa. Em *Parménides* 126b1-9 alude-se a um meio-irmão de Gláucon e Adimanto, filho de mãe comum e de Pirilampes, a quem estes deram o nome de Antifonte<sup>4</sup>. Seu padrasto parece ter sido íntimo de Péricles<sup>5</sup> e de vários embaixadores persas, a avaliar pelo *Cármides* (158a2-6):

Nenhum dos habitantes do continente foi considerado homem mais belo e melhor que teu tio Pirilampes, sempre que, como embaixador, ele se dirigiu

---

4 Plutarco, no *De fraterno amore* (*Mor.* 484-sqq.), fala do irmão mais novo de Platão, de nome Antifonte.

5 Plutarco (*Per.* 13.15) refere que Pirilampes, ‘também amigo de Péricles (...), era acusado de recorrer aos pavões para subornar as mulheres com quem Péricles se envolvia’.

ao Grande Rei ou a qualquer outro soberano do continente. (trad. Oliveira, 1988)

Platão viveu, na sua infância e adolescência, a fase mais dura e conturbada da Guerra do Peloponeso<sup>6</sup>. Quando tinha cerca de 14 anos, assiste à restauração da democracia em Atenas. Um ano volvido, seus irmãos Glauco e Adimanto combatem e distinguem-se na batalha de Mégara<sup>7</sup>.

Não obstante a instabilidade que reinava em Atenas, Platão recebeu a educação adequada a um jovem cidadão, quer desportiva, quer respeitante ao domínio das Musas (da música à aritmética, geometria, astronomia, história, poesia etc.). Terá até composto poesia – ditirambos e tragédias. Conheceu entretanto Sócrates quando ainda era adolescente e assistiu aos seus esforços argumentativos para impedir o julgamento sumário do processo das Arginusas (406 a. C.). Entrou no seu círculo de discípulos, a que pertencia aquando da sua morte.

Certamente que, na sua juventude, terá alimentado interesse pela participação activa na vida política da sua *pólis*. Todavia, o regime tirânico dos Trinta tê-lo-á desiludido e, mais ainda, tê-lo-á profundamente desgostado a reposição de uma democracia de cuja intriga política resultou a condenação de Sócrates à morte, em 399 a. C (Klosko, 2006, 11-12; Schofield, 2011, 41). Esse terá representado o motivo determinante para o seu afastamento da vida política e a sua dedicação ao estudo e à filosofia, que inclui em parte a reflexão, a partir de ângulos e pressupostos próprios, sobre a vida política. Assim parece ter-se retirado para Mégara, por alguns anos, onde privou com outros discípulos de Sócrates.

Dois parentes seus – Crítias, primo direito de sua mãe, e Cármides, o irmão mais novo de sua mãe e pupilo do primeiro – haviam participado do governo dos Trinta (Crítias em posição de chefia). Vieram a perecer em 403, na batalha de Muníquia, contra os democratas.

---

6 Nails (2006, 2-3): com episódios como o da crueldade sobre os mélios, a campanha da Sicília, as manobras de Alcibíades, a perda do império ateniense e a queda da democracia com o governo dos Quatrocentos.

7 Vide supra o passo citado da *República* (368a).

A desilusão política de Platão não impediu, no entanto, de tornar presentes estas duas figuras em diálogos seus, como *Cármides* e *Protágoras*. Há, no entanto, que não confundir este Crítias com o Crítias do *Timeu* e do diálogo homónimo: trata-se, no caso deste último, de um tio-avô de Platão (Boas, 1948, 443; Lopes, 2010, 21).

Segundo o testemunho de Aristóteles (*Metaph.* I.6, 987a32-987b6), ainda em vida de Sócrates e numa fase em que ainda se não teria de todo aproximado do mestre, conheceu Crátilo, uma figura *sui generis*, que o pôs em contacto com a teoria do eterno fluir heraclitiano:

Na sua juventude Platão começou por se familiarizar com Crátilo e com as doutrinas heraclitianas de que a totalidade do sensível se mantém em contínuo fluir, não havendo assim conhecimento científico sobre ela – e Platão manteve ainda, em anos posteriores, esta perspectiva. Mas quando Sócrates, desprezando a dimensão do sensível, ao centrar o seu estudo em questões de natureza ética, mergulhou na esfera do universal e se tornou o primeiro filósofo a concentrar-se na definição, Platão seguiu-o e reconheceu que o problema da definição não se prende com nada sensível, mas diz respeito a entidades de outra natureza.

O testemunho de Aristóteles, seu discípulo, invalida teses contrárias e muito posteriores<sup>8</sup>. É, assim, provável, que Platão se tivesse interessado, nessa mesma fase, pela tradição pré-socrática da φυσιολογία. A influência de Crátilo, a avaliar pela própria construção da figura no diálogo homónimo, não foi determinante.

Regressado de Mégara, Platão estabelece-se fora de Atenas, numa propriedade sua, no demo de Ifistíadas, a 10kms para norte da antiga muralha da cidade e a cerca de 2kms do Cefiso, tendo iniciado entretanto,

---

<sup>8</sup> Pelo que acima foi demonstrado, pelo testemunho de Aristóteles, tem razão Lesky (1995, 540), quando descarta a hipótese de a aproximação se ter dado após a morte de Sócrates, como o afirma Diógenes Laércio (3.6.1-4): 'com o desaparecimento de Sócrates, Platão aproximou-se de Crátilo, o heraclitiano, e de Hermógenes, seguidor da filosofia de Parménides'. Esta última tese é apoiada por Nails (2006, 5). Sobre o distanciamento de Platão em relação à filosofia de Heraclito, vide Irwin (2007, 70).

na década subsequente à morte de Sócrates, a escrita dos seus primeiros diálogos.

Tinha cerca de quarenta anos quando empreende a sua primeira viagem à Itália, ao que parece, a convite de Dioniso I, que gostava de trazer à sua corte, como convidados, homens notáveis. Antes de rumar à Sicília, dirige-se a Tarento, onde mantém estreito contacto com um dos mais eminentes pitagóricos, com quem ficará relacionado: Arquitas<sup>9</sup>.

Entretanto, os primeiros diálogos de Platão deviam ter começado a circular pela Hélade culta, em cópias, ainda antes da fundação da Academia. E não é de descartar (ainda que este assunto seja polémico) que Aulo Gélio (14.3) tenha razão: que uma redacção parcelar da *República* – uma ‘proto-*República*’, utilizando a expressão de Nails (2006, 6) – tenha sido escrita e divulgada, como os demais diálogos difundidos à época, antes de 391 a. C., e que pudesse ser fonte inspiradora de cómico para Aristófanes, nas suas *Mulheres na Assembleia* (Klosko, 2006, 155; cf. Irwin 2011, 65).

Além do mais, fará sentido que esse seu texto filosófico, que tem implicações no âmbito da teoria política, tenha motivado o tirano Dioniso I a endereçar-lhe o convite de hospitalidade.

Já na Sicília, em Siracusa, conhece então Dioniso I, estrategista notável que conseguiu livrar a ilha dos Cartagineses e fortificou Siracusa. Este tirano, plenipotenciário, tornar-se-á num déspota que levará Platão a regressar a Atenas em circunstâncias atribuladas: a sua franqueza e liberdade de expressão teriam suscitado a ira do tirano, que se livrou do filósofo, vendendo-o como escravo. Valeram-lhe os amigos, que o libertaram e lhe facilitaram o caminho para Atenas. Para trás deixa o que virá a ser uma sólida e duradoura amizade, com Díon, cunhado de Dioniso.

De regresso a Atenas, Platão troca as suas propriedades por um espaço próximo dos jardins de Academo, assim chamados por estarem consagrados ao herói epónimo, e onde passa a residir. Trata-se de um espaço mais próximo da cidade, a cerca de 3kms a norte de Atenas, junto às margens do Cefiso.

---

<sup>9</sup> Sobre os problemas levantados quanto à influência de Arquitas em Platão e da presença de marcas pitagóricas nos diálogos, vide Cornelli (2011, 179-sqq).

No espaço compreendido pelos jardins de Academo encontrava-se ginásio e um *templete* dedicado às Musas. Aí começam a afluir intelectuais, provenientes das mais diversas partes do mundo grego, com o intuito de discutirem e cruzarem saberes (Lesky, 1995, 542). Entre eles se conta o próprio Arquitas de Tarento, pitagórico que, para além de matemático e estudioso de teoria musical, se dedicava também à teoria política, o jovem matemático Teeteto, Leodamante de Tasos, Neoclides e o próprio sobrinho de Platão, Espeusipo (Nails, 2006, 5-6). Pela Academia passou, em parte, a tradição da compilação de *Elementos*, que antecede a obra euclidiana<sup>10</sup>. Note-se que a μαθηματικά, ao tempo, compreendia a aritmética, geometria, música, astronomia e era entendida como φιλοσοφία.

E assim, não na formalidade de um edifício-escola fechado, com biblioteca própria e programas explanados em ‘aulas’, como tradicionalmente se pensou<sup>11</sup>, mas em espaço aberto, junto ao altar das Musas, tomava corpo essa realidade que veio a ser consagrada sob o nome de Academia, sob a égide de Platão. Nails, que assim pensa também (2006, 6)<sup>12</sup>, evoca o testemunho de Eudemo, que considera a chegada de Eudoxo de Cnidos a Atenas, em meados dos anos 80, como o ponto de referência para a fundação da Academia. Sabemos, todavia, que Eudoxo, que estreitou amizade com Platão, regressou à sua escola de Cízico e deixou à guarda intelectual de Platão, para que frequentassem a Academia, discípulos seus.

Não se sabe, assim, ao certo a data da fundação oficial da Academia, mas andarà entre 387 e 384 a. C. A Academia depressa se impõe como esse ponto de convergência de sábios ou de discípulos, movidos pela sede de conhecimento e pelo prestígio do mestre, dentre os quais o mais célebre viria a ser Aristóteles. A Academia há-de manter a sua actividade por mais de meio milénio, até à data da sua extinção, por ordem de Justiniano, em 529.

---

10 Gamas (2013, 48) refere que Têudio de Magnésia, um discípulo de Platão, teria escrito uns *Elementos*, próximo da morte do mestre. Um matemático de origem desconhecida, Leonte, que frequentou a Academia entre 365-360, havia também sido autor de uns *Elementos* (na esteira de Hipócrates de Quios, do séc. V a. C.)

11 Veja-se o exemplo típico desta concepção de sociedade fechada em Field (1948, 30-48).

12 Esta tese, expandida com fundamentos, é defendida por Cornelli (2014).

A preocupação pela harmonia e proporção estão presentes em todas as áreas do saber, debatidas no círculo da Academia, frequentado, ao que parece, pelo menos quando já consolidada e famosa, também por figuras femininas<sup>13</sup>.

O aprofundamento de saberes, obedecendo a um programa de fundo, devia ter um carácter bem mais de natureza oral, mediante a discussão e reflexão sobre doutrinas, sobre a tradição, num esforço por aprofundar e encontrar o cerne do conhecimento, do que mediado por leituras (Nails, 2006, 11; Annas, 1996, 1190).

O ensino e a discussão espelhavam o próprio espírito do Mestre: Platão não era, de todo, um espírito dogmático – e a configuração da escrita dos seus diálogos constitui a prova mais evidente (Lesky, 1995, 515; Rowe, 2006, 14).

Entretanto, após a morte do tirano Dioniso I, em 367 a. C, e precisamente no ano da chegada de Aristóteles a Atenas, Díon, cunhado do jovem sucessor Dioniso II (havia casado com uma sua irmã), insta para que Platão regresse à Sicília, a fim de responder ao anseio por formação filosófica que o jovem tirano manifestava. Seu pai havia descurado a sua educação e, segundo Díon, era aquele o momento ideal – os primeiros tempos de exercício do poder – para educar e formar o bom governante. Exceptuando o frutuoso e determinante contacto com os Pitagóricos de Tarento, a viagem de Platão à Magna Grécia não lhe deixara boas memórias. Estava ainda viva a memória da tirania de Dioniso I e dos perigos que havia corrido.

Por fim, os próprios discípulos de Platão, a insistência de Díon, o sentido de que o filósofo tinha um dever a cumprir e a própria manifestação de interesse na sua presença por parte de Dioniso, levaram-no a decidir rumar à Sicília, em 366. Todavia, Platão defronta-se com um jovem diletante, cuja sede de formação filosófica é passageira e superficial, facilmente tomado por sentimentos violentos de fúria, vingança, ou cativado pela luxúria e dissolução. A voz do filósofo não encontra mais que um ténue eco, e intrigas

---

13 Circulavam, na Antiguidade, listas com o elenco dos académicos. Entre eles consta o nome de Axioteia de Fliunte e de Lasténia de Mantinea.

de súbditos temerosos da possível influência crescente de Platão e Díon levaram a que Dioniso começasse a alimentar suspeitas de sedição de Díon e de Platão.

Em relação ao primeiro, exila-o, retendo a sua mulher e filho e expropriando-lhe os bens; em relação a Platão, instala-o numa fortaleza, na sua proximidade, sequioso da sua admiração mas, ao mesmo tempo, tomando medidas para o reter, sem saída. São vãos os esforços do filósofo para motivar o tirano para a filosofia. Por fim, já consciente de que nada conseguiria, Platão insiste e logra convencer Dioniso II a deixá-lo partir, com os seguintes argumentos: caso o tirano aceite Díon de volta, Platão regressaria à Sicília. Assim partiu. Dioniso não cumpriu nada do que havia prometido. Entretanto, em Atenas, Díon havia feito amizade com Espeusipo e frequentava a Academia. Considerado na Hélade, Díon permaneceu em Corinto e em Esparta, onde foi feito cidadão honorário.

Cerca de cinco anos depois, Dioniso convida Platão a visitá-lo de novo. O convite não é extensível a Díon, ainda que Dioniso prometa que, caso Platão aceite o convite, restituirá os bens a Díon e providenciará por eles. Díon, persuadido de que há ainda uma hipótese de converter Dioniso à filosofia, insiste para que Platão aceite. Perante esta insistência, a que se junta a de Arquitas e Arquedemo, Platão acede, mais por lealdade a Díon do que por verdadeira convicção dos bons resultados da viagem. Mais uma vez as promessas de Dioniso são quebradas. Este vende os bens de Díon e fecha os portos, para impedir a partida do filósofo. A ira de Platão leva o tirano a instalá-lo no perigoso quartirão que servia de morada aos seus mercenários. Consciente dos perigos que corria, e avisado por mercenários atenienses, Platão envia cartas aos seus amigos tarentinos, a pedir auxílio. Pela calada da noite, escapa, então, numa embarcação enviada por Arquitas. Por precaução, não se dirige a Atenas, mas a Olímpia, onde Díon se encontrava, por ocasião dos Jogos.

Díon regressará a uma Sicília conturbada em 357 a. C. O tirano é deposto, mas Díon acaba por ser assassinado por um ateniense que o acompanhou desde Atenas.

Assim perde Platão uma amizade de cerca de trinta anos. O filósofo vive, até ao final dos seus dias, rodeado pelos seus discípulos, ensinando

na Academia e retomando a escrita dos seus diálogos. Morre aos oitenta e dois anos. Segue-se-lhe, à cabeça da Academia, seu sobrinho Espeusipo.

Os diálogos constituem uma obra-prima, sob o ponto de vista literário<sup>14</sup>, um dos momentos mais altos da prosa grega (o próprio Aristóteles, em *Poética* 1447b11, considera os Σωκρατικοί Λόγοι como μίμησις ποίεtica), e uma genial forma de comunicação filosófica que suscita, pela sua própria forma e natureza filosófico-literária, dificuldades extremas de exegese.

Nesta dramatização filosófica, Platão nunca se assume como personagem, transferindo os seus pontos de vista para participantes nos diálogos, caleidoscopicamente, desde o Sócrates histórico dos Σωκρατικοί Λόγοι, ao Estrangeiro Ateniense de as *Leis* (Rowe, 2006, 20). O diálogo é, de facto, a forma adequada de comunicação filosófica de um espírito não-dogmático, em contínua interrogação. Poderá dizer-se que Platão viveu no momento cultural adequado para assim se exprimir, adequadamente. Por um lado, não existia, ainda, na cultura grega a tradição da tratadística. Ainda que a circulação de escritos remontasse já, no mínimo, ao século anterior, o ensino era eminentemente oral – e o ‘diálogo’ constitui a perfeita mimese dessa comunicação pedagógica. Nele se identificam, caldeadas pelo talento do escritor e articuladas em função do génio do filósofo, a influência do género dramático, na construção de cenas e de caracteres, da erística sofística, bem como da oratória do tempo.

A obra de Platão só postumamente foi ordenada para cópia e difusão sistematizada pelos seus discípulos – o que deu azo à agregação de obras espúrias. Assim, dos quarenta e três diálogos que começaram por lhe ser atribuídos (e de que já na Antiguidade se reconheceu o carácter espúrio de sete), treze cartas e a *Epinomis*, nitidamente composta depois da sua morte, reconhece-se, modernamente, a autenticidade de vinte e sete diálogos e, provavelmente, das cartas VI, VII e VIII (deixando de lado a discussão à volta delas, por não ser matéria deste capítulo).

Os critérios de agrupamento temático-cronológico não têm acordo unânime e têm sido objecto de discussão: do critério estilométrico de Lutoslawski (1897), ainda no séc. XIX, ao critério combinado, estilométrico, literário e filosófico de Kahn, ainda assim não isento de acesa polémica (apud Klosko, 2006, 16).

---

14 Notamos a paradigmática formulação de McCabe (2011, 88): ‘Plato’s writing scintillates’.

O grau de dramatização dos ‘diálogos socráticos’, em que Platão pretende conservar viva a imagem do mestre e os seus métodos de inquirição e maiêutica, num processo dialógico muito vivo que, por várias vezes, termina numa situação aporética, foram considerados, já por Cornford, como os primeiros diálogos de um Platão que, progressivamente, vai estilizando a figura do mestre, à medida que as intervenções se vão tornando mais longas e expositivas e o ponto de vista de Platão, eventualmente, se vai deixando representar também por outras personagens.

A primeira viagem à Sicília e o contacto com o Pitagorismo imprime, sob o ponto de vista filosófico, marcas peculiares nos diálogos posteriores.

Não sendo objectivo deste capítulo proceder a uma discussão sobre a cronologia e, muito menos, sobre a adequação e critérios de agrupamento dos diálogos, aqui se deixa a clássica divisão de Cornford, ainda com actualidade, na medida em que serviu de ponto de partida para posteriores discussões filosóficas sobre este complexo domínio filosófico, que é o do apuramento de afinidades e proximidades entre os diálogos platónicos:

1. Primeiros diálogos: *Apologia, Críton, Laques, Lísias, Cármides, Êutifron, Hípias Menor, Hípias Maior, Protágoras, Górgias, Íon*;
2. Diálogos intermédios: *Ménon, Fédon, República, Banquete, Fedro, Eutidemo, Menéxeno, Crátilo*;
3. Diálogos tardios: *Parménides, Teeteto, Sofista, Político, Timeu, Crítias, Filebo, Leis*.

## BIBLIOGRAFIA

### Edições e traduções

Platão. (2010). *Timeu. Crítias*. Coimbra: CECH, trad. R. N. Lopes.

Platão. (1981) *Cármides*. Coimbra: Instituto nacional de Investigação Científica, trad. F. Oliveira.

### Estudos

Annas, J. (1996). Plato. In S. Hornblower, A. Spawforth (eds.), *Oxford classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1190-1193.

Boas, G. (1948). Fact and legend in the biography of Plato. *The philosophical review*, 57: 439-457.

- Calvo, J. L. (1988). Platón. In J. A. López Férez (ed.), *Historia de la literatura griega*. Madrid: Catedra – Historia.
- Cornelli, G. (2011). *O pitagorismo como categoria historiográfica*. Coimbra: CECH - Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume.
- \_\_\_\_\_ (2014). Onde está Platão? A Academia de Atenas no tempo de Platão como lugar de ausências. In print in: *Redes culturais nos primórdios da Europa. 2400 anos da Academia de Platão*. Coimbra.
- Field, G. C. (1948). *Plato and his contemporaries*. London: Methuen & Co. LTD.
- Gamas, C. (2013). A matemática em Alexandria: convergência e irradiação. *Revista Archaia*. 11: 47-53.
- Irwin, T. H. (2011). The Platonic corpus. In G. Fine (ed.), *The Oxford handbook of Plato*. Oxford: Oxford University Press, 63-87.
- \_\_\_\_\_ (2008). Plato: the intellectual background. In R. Kraut (ed.), *The Cambridge companion to Plato*. Cambridge: Cambridge University Press. 51-89.
- Klosko, G. (2006), *The development of Plato's political theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Lesky, A. (1995), *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lutoslawski, W. (1897). *The Origin and Growth of Plato's Logic, with an Account of Plato's Style and of the Chronology of his Writings*. London/New York/Bombay: Longmans, Green & Co.
- McCabe, M. M. (2011). Plato's ways of writing. In G. Fine (ed.), *The Oxford handbook of Plato*. Oxford: Oxford University Press, 88-113.
- Nails, D. (2006). The life of Plato of Athens. In H. H. Benson (ed.), *A companion to Plato*. Malden/Oxford/Victoria: Wiley-Blackwell, 1-12.
- Rowe, C. (2006). Interpreting Plato. In H. H. Benson (ed.), *A companion to Plato*. Malden/Oxford/Victoria: Wiley-Blackwell, 13-24.
- Schofield, M. (2011). Plato in his time and place. In G. Fine (ed.), *The Oxford handbook of Plato*. Oxford: Oxford University Press, 36-62.